

A dramaturgia nacional e o estudo académico do teatro

CHRISTINE ZURBACH

António Conde, *Fresco Bruegeliano: Dez estudos e um ensaio sobre dramaturgias portuguesas entre 1990 e 2010*, Lajes do Pico, Companhia das Ilhas, Coleção Azulcobalto Ensaio, n.º 1, 2014, 531 pp. E-book disponível em <http://www.chaia.uevora.pt/pt/books.html>.

FRESCO
BRUEGELIANO
DEZ ESTUDOS E UM ENSAIO
SOBRE DRAMATURGIAS
PORTUGUESAS ENTRE 1990
E 2010
ANTÓNIO
CONDE



Apesar das dificuldades que, nos últimos anos, debilitaram o campo editorial e livreiro nacional, a produção do repertório teatral publicado em língua portuguesa tem manifestado uma capacidade de resistência invulgar. Ao lado de dramaturgos consagrados, que prosseguem o seu trabalho criativo em moldes já merecedores de reconhecimento, surgem publicados com regularidade novos autores, envolvidos numa renovação contínua da escrita teatral. Todavia, pela sua pouca competitividade no mercado livreiro quando comparadas com as remessas regulares de *best-sellers* bem mais rentáveis, essas obras passam despercebidas do grande público, alimentando-se assim a mítica ideia da escassez ou até ausência de um teatro português (v. Ferreira, 2014).

Contrariando tal preconceito, e optando pela pesquisa da realidade factual da dramaturgia nacional disponível em publicações, o estudo de António Conde, *Fresco Bruegeliano: Dez estudos e um ensaio sobre dramaturgias portuguesas entre 1990 e 2010*, tem o grande mérito de propor uma alteração profunda de tal imagem, num estudo sistemático das obras produzidas no universo multifacetado e mal conhecido da dramaturgia actual de autores portugueses.

Destinada inicialmente à realização de um doutoramento em Estudos Teatrais na Universidade de Évora, a dissertação veio a merecer a atenção, fora do âmbito académico, da editora Companhia das Ilhas, cujo catálogo reflecte um programa consistente na publicação de teatro, em peças inéditas e estudos críticos ou ensaísticos, como é o caso deste *Fresco Bruegeliano*. Com algumas remodelações, este livro – editado com o apoio do Centro de História da Arte e Investigação Artística (CHAIA) da Universidade de Évora – vem cumprir um dos objectivos mais estimulantes do trabalho académico, o da promoção e da

divulgação do saber universitário para um público alargado.

Ao livro impresso, acrescentou-se uma versão digital que potencia o acesso à obra num suporte alternativo cada vez mais utilizado.

Centrado na avaliação crítica do conjunto do que António Conde designa como «propostas dramáticas», sublinhando nesta fórmula pouco convencional a sua pluralidade e o seu valor experimental, o estudo distancia-se do campo das preocupações teóricas que, nos estudos de teatro, têm vindo a contestar a visão textocêntrica do teatro.

Pelo contrário, António Conde devolve às problemáticas relativas ao texto dramático um espaço académico e científico de relevo, em sintonia com um desejo expresso por Maria Helena Serôdio (2004), citado aqui pelo autor, o da «necessidade do estudo concreto das dramaturgias [por ela] elencadas» (p. 9) no seu estudo. Fá-lo com uma metodologia de leitura dos textos convincente, que tem em conta o seu valor dramático e performativo, e que, permitindo um trabalho hermenêutico pormenorizado sobre o seu conteúdo, (re)afirma o potencial analítico da confrontação entre texto e contexto, entre dramaturgia e História, e, no caso presente, entre teatro, política e História.

Neste *corpus*, o autor esclarece a relação entre ficção e realidade, em particular a «incidência da pesquisa dramática sobre as realidades portuguesas envolventes da teatralidade e a actualização interna nas estéticas em exercitação» (p. 18), entendidas como traço estruturante no surgimento das novas dramaturgias.

Numa percepção evolutiva da dramaturgia portuguesa nesse período, organiza, na Introdução, um olhar cronológico sobre a matéria do livro. Parte de uma retrospectiva sumária do século XX, no qual identifica as raízes do que se seguiu, com destaque para a ruptura revolucionária de 1974 e a politização do teatro como forma de adesão à mudança, mas também após a normalização da vida política nos anos 1980, a sua reconfiguração como forma de «resistência cultural» (p. 12).

O percurso histórico definido não resulta de uma mera percepção subjectiva da História pelo autor. Pelo contrário é confirmado nos dez estudos ou capítulos da obra pela evidência do objectivo político-dramático das escritas surgidas com a viragem política e cultural do 25 de Abril, e pela progressiva transformação deceptiva da revolução em *fantasma esbatido* e «reincarnação no século XXI do *sebastianismo*» (p. 17).

Nesta obra extensa, que não estará longe de representar um panorama exaustivo do objecto tratado, o leitor é posto em contacto

com um vastíssimo conjunto de autores e obras, distribuídos com clareza e eficácia.

Num sucinto esclarecimento inicial, António Conde enuncia o quadro teórico-histórico que adoptou para a sua investigação, com as respectivas fontes: a imprescindível investigação de Maria Helena Seródio, já referida *supra*, de que retém um modelo para a análise dramática a que se propõe e que lhe permite descrever a maioria das obras produzidas entre finais do século XIX e ao longo do século XX (p. 9); a *paródia*, identificada por L. Hutcheon (1989) como traço predominante na transformação das artes em geral (p. 5); a *rapsódia*, proposta por Jean-Pierre Sarrazac (2002) como «método de composição a partir do precedente» (*ibidem*); e o quadro de *globalização cultural* elaborado por Alexandre Melo (2002), como caracterizador da época em causa. De forma coerente recorreu também a documentos não académicos, que reflectem posições programáticas inscritas no terreno da vida e da política teatral portuguesas, nomeadamente artigos ou testemunhos do encenador, actor e ensaísta Fernando Mora Ramos.

Mas é no cerne do estudo, focalizado na análise textual do *corpus* das obras seleccionadas no panorama editorial da escrita para teatro entre 1990 e 2010, que o leitor encontrará a originalidade e a utilidade da obra.

Em «três gerações portuguesas balizadas pela convulsão de 1974» (p. 16) que identificou na Introdução, os dez estudos tratam a produção da segunda e da terceira geração, surgidas depois de 1974. A segunda (do Primeiro ao Quarto Estudo) é conotada como «agente e vítima das transformações» oriundas da ruptura revolucionária com a decepção que a seguiu (p. 15): inclui autores como Luísa Costa Gomes, Mário de Carvalho, Jaime Rocha, Jorge Silva Melo, Carlos J. Pessoa e Armando Nascimento Rosa. Com Jacinto Lucas Pires, o Quinto Estudo prossegue para a terceira geração, na «sua estreante condição de cidadania no processo de europeização e globalização» (*ibidem*), em diálogo com o forte impacto da importação de obras pela tradução textual e pelas «reterritorializações cénicas» (p. 179). Abel Neves, Pedro Eiras e José Maria Vieira Mendes são objecto de um capítulo cada um, que antecedem um utilíssimo Nono Estudo relativo a colectâneas focalizadas na contemporaneidade, as *Dramaturgias Emergentes*, de 2001, e as peças curtas das *Urgências*, surgidas no quadro de políticas institucionais: com a Oficina de Escrita do DRAMAT, no primeiro caso, e com o projecto Panos, na Culturgest, de 2004

e 2006. Mais discutível na sua denominação, o Décimo Estudo trata «Dramaturgias *avulsas* e menos *afirmadas*», onde figura Miguel Castro Caldas, hoje nome consagrado na escrita teatral.

O último capítulo, intitulado «Um Breve Ensaio», fecha o livro, com um comentário do autor, que aponta uma contradição: apesar do seu «refinamento dramático interno [...] equiparável às novas dramaturgias exógenas» (p. 510), não existe para esse repertório um reconhecimento local. Mas a hipótese avançada por António Conde é que a sua marginalidade deriva também da sua própria «consistência dramática interna» (*ibidem*).

No termo desta leitura, deixarei uma nota final inspirada pelas qualidades desta publicação, que pode hoje ser considerada como uma referência no campo do estudo da dramaturgia portuguesa contemporânea e do teatro em Portugal.

Diz respeito ao devir dos textos, escritos não para serem apenas publicados e lidos, mas para se encontrarem com o palco e aí terem uma recepção que porventura a mera publicação em livro não permite alcançar. A maioria dos textos do *corpus* teve um percurso teatral pleno nas encenações de que foram objecto. E é precisamente nesse ponto que o livro poderá ou deverá ser prolongado, em trabalhos futuros.

Fica assim uma sugestão: o da realização de um mapeamento da recepção cénica dos textos que permita retratar a importância dessas novas dramaturgias para a historiografia do teatro em Portugal. À leitura do livro de António Conde, fica claro que as propostas dramáticas elencadas no estudo muito devem ao surgimento de novas práticas artísticas, de novos processos de criação e de novos participantes na vida teatral que alteraram o estatuto do texto na relação com a cena. Um estudo dedicado a essa reconfiguração da relação entre o palco e a escrita no quadro da nossa contemporaneidade não poderia deixar de contribuir para uma desejável revisão do modo de contar a história do teatro em Portugal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FERREIRA, José Alberto (2014), «O caso do teatro inexistente, ou do teatro como imagem de nós», *Limite: Revista de Estudos Portugueses y de la Lusofonia*, n.º 8, pp. 93-126.
- HUTCHEON, Linda (1989), *Uma Teoria da Paródia*, Lisboa, Edições 70.
- MELO, Alexandre (2002), *Globalização Cultural*, Lisboa, Quimera Editores.
- SARRAZAC, Jean-Pierre (2002), *O Futuro do Drama*, Porto, Campo das Letras.
- SERÓDIO, Maria Helena (2004), *Dramaturgia*, in Fernando J. B. Martinho (coord.), *Literatura Portuguesa do Século XX*, Lisboa, Instituto Camões.